

MEDITANDO EM TUA MISERICÓRDIA NO MEIO DO TEU TEMPLO (SL 48)

Ludovico Garmus

Nas grandes religiões a expressão religiosa individual e, sobretudo, comunitária está ligada a determinados lugares considerados sagrados. São montanhas sagradas, árvores sagradas, altares, pedras comemorativas, santuários e templos, que se transformam em centros de culto. Para legitimar estes locais tradicionais de culto, a Bíblia os relaciona a experiências de fé ou à passagem de algum líder religioso. Assim Abraão passa por Siquém e constrói um altar em Betel (Gn 12,6-8). Isaac ergue um altar em Bersabéia porque ali Javé lhe havia aparecido numa noite e feito uma promessa de bênção (Gn 26,24-25). Jacó, ao fugir das iras de seu irmão Esaú, tem o sonho da escada que sobe ao céu e ergue em Betel uma pedra comemorativa, prometendo transformá-la em “uma casa de Deus” (Gn 28,10-22). Ao voltar de Padã-Aram, depois de levantar um altar em Siquém (Gn 33,18-20), cumpre a promessa feita em Betel (35,1-3). Mais tarde Salomão constrói o grande Templo de Jerusalém, que passa a ser o principal local de culto do povo de Israel, sobretudo para Judá. Por ocasião do cisma religioso, Jeroboão restaura dois santuários tradicionais, Betel e Dã, para concorrer com o Templo de Jerusalém.

Os profetas, porém, têm uma atitude crítica em relação a santuários e ao culto neles praticado. Insistem que se deve buscar a Deus pela prática da justiça e da misericórdia, desvinculando-a do culto em santuários¹. Anunciam até a destruição do Templo por causa das injustiças cometidas². Ezequiel afirma que, por causa da idolatria e da violência, Deus abandonou sua morada santa e a entregou à destruição (Ez 8–11).

Apesar do entusiasmo religioso por Sião/Jerusalém e o Templo, que transparece em alguns salmos, mesmo assim se percebe que a presença de Deus e sua ação no meio do povo independem de um determinado lugar que lhe é dedicado. É o que veremos também no Salmo 48, objeto do presente estudo. Iniciaremos nosso estudo apresentando a tradução do salmo³, para então examinarmos o gênero a que pertence, a sua estrutura e conteúdo teológico.

1. Cf. Am 3,14; 4,4-5; 5,14-15.21-27; Os 6,6; Is 1,10-17.

2. Cf. Mq 3,9-12; Jr 7,1-15; 26,4-19.

3. Não vamos discutir a tradução, que em alguns versos se distancia da Bíblia de Jerusalém, da Tradução Ecumênica da Bíblia e da Bíblia da Editora Vozes. A tradução é discutida nos Comentários citados.

1. Tradução

¹*Cântico dos filhos de Coré.*

²Grande é o Senhor e digno de todo louvor
na cidade de nosso Deus.

Seu monte santo,

³de magnífica altura,

é a alegria de toda a terra.

O monte Sião, o extremo Norte,

é a cidade do grande Rei.

⁴Nos palácios da cidade

Deus se manifesta como refúgio seguro.

⁵Eis que os reis se coligaram,
avançaram juntos.

⁶Logo que a viram, ficaram atônitos
e fugiram apavorados.

⁷Ali os colheu um tremor,
espasmos como de parturiente.

⁸Era como o vento do Oriente,
que destroça as naus de Társis.

⁹O que ouvíamos dizer, nós o vimos
na cidade do Senhor dos exércitos,
na cidade de nosso Deus:

Deus a consolida para sempre.

¹⁰Ó Deus, meditamos em tua misericórdia
no meio de teu Templo.

¹¹Como o teu nome, ó Deus, assim teu louvor
chega aos confins da terra.

Tua destra está cheia de justiça.

¹²O monte Sião se alegra,
exultam as filhas de Judá
por causa dos teus julgamentos.

¹³Rodeai Sião, contornai-a,
contai-lhe as torres,

¹⁴apreciai suas fortificações,
observai seus palácios
para anunciar à geração futura:

¹⁵“Este é Deus,
o nosso Deus para todo o sempre.
É ele que nos guia”.

O Salmo 48 faz parte de um grupo de onze salmos atribuídos aos “filhos de Coré”⁴. Os filhos de Coré são apresentados como levitas, descendentes de Caat, um dos filhos de Levi, filho do patriarca Jacó (Ex 6,21; 1Cr 6,7.22). Em 1Cr 9,19 e 26,1 eles são mencionados como porteiros do Templo. Mais tarde, o Cronista os apresenta como cantores do Templo (2Cr 10,1-30). Curiosamente o contexto em que são mencionados muito se parece com o do Sl 48, que lhes é atribuído. A cena descrita é do tempo do rei Josafá (871-848 aC). Trata-se de um ataque organizado por moabitas, amonitas e meunitas, já acampados em Engadi. Alarmado, o rei convoca uma assembléia de Judá e Jerusalém, que se reúne no Templo do Senhor. Em sua oração, Josafá recorda que Deus costuma afastar os inimigos sempre que é invocado em seu templo. O espírito do Senhor desce sobre um levita chamado Jaaziel, que garante ao povo: “Não deveis temer nem tremer à vista dessa enorme multidão, pois a luta não é nossa e sim de Deus... Saí amanhã ao encontro deles, e o Senhor estará convosco” (v. 15-17). Neste contexto os levitas caatitas e coreítas entoam hinos ao Senhor. E na manhã seguinte acompanham as tropas ao encontro do inimigo. Enquanto eles cantavam “Louvai o Senhor, pois eterno é seu amor” (*hesed*), os inimigos foram derrotados (v. 18-26). Após a vitória, todos retornam a Jerusalém e vão ao Templo. O Cronista conclui: “O terror do Senhor se apossou dos reinos da terra, ao ouvirem como o Senhor havia combatido contra os inimigos de Israel” (v. 29).

É de situações semelhantes ao que acima foi descrito e do meio destes cantores do Templo, apaixonados por Jerusalém, que brotou este cântico de Sião. Era um dos hinos entoados pelos peregrinos que vinham a Jerusalém. Ao contemplarem a imponente beleza da cidade e do Templo, punham-se a louvar a misericórdia de Javé, o grande Rei. Neste cântico o salmista recorda a milagrosa libertação da Cidade Santa do ataque de um inimigo, forçado a retirar-se em fuga. Recordando esta libertação, o Salmo 48, a exemplo do Salmo 46, reforça a tese da inviolabilidade de Jerusalém.

Desde Gunkel, um grupo de exegetas propõe que o salmo esteja se referindo ao fracasso da campanha militar de Senaquerib, em 701 aC, e citam contactos literários com Isaías, que presenciou este assalto (Is 31,5-8; 37,33-37). Outros ligam o salmo à guerra siro-efraimita de 734 aC, durante o reinado de Acaz (Is 7,1-9). Mas já antigos comentadores, como A. Calmet, relacionavam o salmo à derrota de Gog (Ez 38-39), portanto ao pós-exílio, data hoje preferida por alguns autores. A Bíblia de Jerusalém, por exemplo, traduz literalmente o v. 14a: “colocai os corações em seus muros” – em vez de “apreciai suas fortificações” – e comenta: “O salmo pode datar da época da restauração dos muros por Neemias” (Ne 6,15; 12,27). O contexto pós-exílico parece ser sugerido também pelo episódio acima atribuído ao tempo de Josafá. Mas outros o consideram seguramente pré-exílico⁵. Por outro lado, é difícil precisar se o ataque inimigo e a fragorosa derrota, lembrados no salmo, se identificam com um acontecimento histórico determinado ou são simples estilização de toda e qualquer ameaça guerreira, ou

4. Salmos 42; 44-49; 84-85; 87-88.

5. Weiser, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 281. – Stadelmann, Luís I.J. *Os Salmos: comentário e oração*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 279.

um exemplo de qualquer perigo ou ameaça à tranqüilidade e segurança de Israel, que são detidos às portas de Sião⁶.

2. Um cântico de Sião

O Sl 48 faz parte de um grupo de salmos geralmente classificados como “Cânticos de Sião”⁷. O nome se baseia na informação que nos vem do pedido dos dominadores babilônios aos exilados: “Cantai para nós algum cântico de Sião” (Sl 137,3). Deve ter existido, portanto, tal grupo de salmos entre os exilados.

Este gênero de salmos apresenta uma estrutura bastante semelhante, que se desenvolve em três momentos⁸:

- Confissão de fé em forma de oração, descrevendo Deus como residente em Sião e seu protetor. Sião é descrita como fortaleza, bela e bem fortificada, da cidade.
- O Senhor e protetor de Sião é Javé, porque repeliu os assaltos das nações.
- Ao final estabelecem-se conseqüências detalhadas para os ouvintes, que são convidados a reconhecer Javé (Sl 46,9.11), a participar na procissão da festa (Sl 48,12-15), num cântico de ação de graças, ou a formular votos (Sl 76,11-12).

Sião, ou monte Sião (*ḥar ṣiyon*) indica a colina mais elevada da “cidade de Davi”, antiga Jebus conquistada por Davi. Os montes que “cercam Jerusalém” (Sl 125,2) na realidade são mais altos que o Sião. Sião tornou-se um patrimônio real, uma espécie de “distrito federal”, da dinastia de Davi e a capital de Judá. Desde que Davi ali introduziu a arca da aliança, Jerusalém tornou-se também o santuário central das tribos. Jerusalém é um sinônimo de Sião (Sl 102,22; 135,21), mas Sião designa de modo mais apropriado o santuário que está na cidade⁹. Sião é o monte santo de Javé (Sl 48,2; 87,1), lugar de sua presença e de sua “santa morada” (Sl 76,3), porque sobre o monte Sião foi construído o Templo.

Convém lembrar, porém, que o santuário de Jerusalém sobre o monte Sião foi um “lugar alto” pertencente à antiga população cananéia, aos jebuseus. Compreende-se, por isso, que algumas tradições culturais cananéias tenham entrado na teologia de Sião. Isso só foi possível depois que a arca da aliança foi introduzida em Jerusalém. Como sabemos, a arca da aliança esteve no santuário de Silo, sob a guarda da família do sacerdote Eli, tutor do menino Samuel. Depois foi tomada como troféu de guerra pelos filisteus, que derrotaram os israelitas e destruíram o santuário de Silo (1Sm 1–5;

6. Ravasi, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*. Vol. I. Bologna: Dehoniane, 1981, p. 855. – Jacquet, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme – Étude textuelle, littéraire et doctrinale*. Vol. II. Paris: Duculot, 1977, p. 92-93.

7. São os Salmos 46; 48; 76; 84; 87; 122; 132. A. Weiser prefere considerá-lo antes como um hino a Javé, ao lado dos salmos 46; 47 e 97 (*Os Salmos*, 281).

8. Kraus, Hans-Joachim. *Teología de los Salmos*. Salamanca: Sígueme, 1996, p. 87-88.

9. Sobre o que segue, veja Kraus, Hans-Joachim. *Teología de los Salmos, op. cit.*, p. 95-110.

Sl 78,60-64). Devolvida pelos filisteus, a arca foi parar em Cariatiarim, onde ficou sob a guarda de Abinadab (1Sm 6,21-7,1). Após conquistar a cidade de Jebus, Davi manda transferir a arca da aliança para Jerusalém (2Sm 6,1-5). Ela foi introduzida “no seu lugar, no centro da tenda” (6,12-23). Mais tarde, quando Salomão inaugurou o Templo, a arca foi colocada na parte mais interna do santuário (*debir*), chamada Santo dos Santos, ou Lugar Santíssimo (1Rs 6,19; 8,1-9).

A arca da aliança, considerada como a sede de “Javé dos Exércitos, sentado sobre os querubins”, era utilizada como estandarte da “guerra santa” pelas tribos (1Sm 4,3-4). Na presença da arca os israelitas aclamavam Javé com gritos ensurdecidores, amedrontando os inimigos filisteus (1Sm 4,5-9). Apesar da derrota sofrida e do seqüestro da arca pelos filisteus, Javé, cuja presença estava ligada à arca, fez sentir sobre eles o seu poder, de modo que foram obrigados a devolvê-la. Aliás, o deuteronomista descreve a presença da arca entre os filisteus e sua libertação como um paralelo da presença de Israel no Egito e sua libertação pelo êxodo. O mesmo Javé, que fez pesar seu poder sobre os egípcios, castigou com pragas também os filisteus (1Sm 5,1-6,12). Assim, por um lado, a arca da aliança, ao migrar do santuário de Silo para Jerusalém, trouxe consigo as tradições teológicas do êxodo, inclusive a da guerra santa, ou das guerras de Javé; por outro lado, assumiu e legitimou as tradições do santuário jebuseu do “monte Sião”¹⁰. Por isso, nos salmos de Sião o poeta lembra que Jerusalém é “a cidade de Javé dos Exércitos, a cidade de nosso Deus” (48,8); este Deus é que consolida a cidade e está com o povo como fortaleza (46,8.12).

Com a transferência da arca da aliança para Jerusalém, Sião torna-se o lugar escolhido por Javé para sua morada (Sl 78,68; 132,13). Javé é rei em Sião e Jerusalém é sua cidade (48,3); seu trono está sobre os querubins da arca da aliança (80,2). Mas nem Jerusalém, nem o monte Sião, nem o Templo circunscrevem a presença de Javé: “Javé está no santo templo, Javé tem seu trono no céu” (Sl 11,4). Javé pode abandonar, como de fato abandonou, o seu templo (Ez 8-11). Ou como diz Salomão no discurso deuteronomístico da inauguração do Templo: “Pode Deus morar realmente sobre a terra? Se os céus e os mais altos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que acabo de construir” (1Rs 8,27). Também Isaías na sua vocação inaugural diz: “Vi Javé sentado em um trono alto e elevado e a orla de seu manto enchia o santuário” (Is 6,1). A grandeza e a glória de Javé não podem caber no santuário, mas tão-somente a orla de seu manto. A função do Templo é ser um espaço em que o mundo celeste se abre. O que realmente importa é que Javé está ali presente¹¹.

10. De fato, o Cântico de Moisés relaciona o monte Sião como meta do êxodo: “Guiaste com amor o povo que resgataste, conduziste-o com poder à tua morada santa” (Ex 15,13). E mais adiante: “Tu os introduzirás e os plantarás no monte de tua herança, no lugar que preparaste para tua morada, Senhor, santuário, Senhor, que tuas mãos fundaram” (15,17).

11. Kraus, Hans-Joachim, *op. cit.*, p. 99.

3. Estrutura

O salmo 48 pode ser dividido em duas partes: louvor a Sião (v. 2-9) e ação de graças a Javé (v. 10-15). Esta divisão é sugerida pela inserção da “pausa” (*selah*) após o v. 9. Mas um exame mais atento nos revela uma “estrutura refinada”, buscada pelo poeta¹². No v. 2 temos uma exclamação de abertura, onde aparecem os nomes divinos “Javé” e “nosso Deus”, como nos v. 9 e 15. Por sua vez, a expressão “cidade de nosso Deus” aparece no v. 2 e no v. 9. Com isso, o v. 9 está ligado tanto com os v. 2-8 como com os v. 10-15. Assim, o início, o meio e o fim (v. 2.9.15) estão marcados por uma espécie de antífona, que retoma os motivos centrais de louvor e apresenta os dois personagens principais, Deus e Sião.

Percebem-se dois movimentos nos v. 3-8 e 9-14, delimitados pelas antífonas dos v. 2.9.15. O primeiro movimento (v. 2-8) inclui um louvor à cidade de Deus e descreve um ataque das nações, que são derrotadas. O segundo movimento fala do assombroso poder de Javé em Sião e no mundo e de um convite a tomar parte numa procissão. Dentro do primeiro movimento há subdivisões: os v. 2-4 referem-se a Deus, o Rei que mora *dentro* da cidade, com um vocabulário de tipo urbano-militar (cidade, monte, altura, palácios, fortaleza); os v. 5-8 retomam imagens ligadas ao êxodo, do cântico de Moisés (Ex 15,14-16), para descrever uma cena externa, mais dinâmica, dos reis coligados, que vieram, viram e fugiram. Algo parecido acontece com o segundo movimento, que apresenta um tom religioso e litúrgico (v. 9-15). Também aqui encontramos dois quadros. O primeiro é um louvor aos atributos divinos (v. 9-12); ele substitui o assédio inimigo por uma procissão de fiéis, que abraça a cidade (v. 13-15). Ravasi¹³ exemplifica esta sua análise por um quadro explicativo:

Antífona introdutória: Javé e a cidade do nosso Deus (v. 2)

Primeira tabela do duplo quadro (v. 3-8): Sião vitoriosa

- A) Dentro dos muros da cidade (v. 3-4): “cidade do grande Rei” (cena estática)
- B) Fora dos muros da cidade (v. 5-8): avanço, assédio e fuga catastrófica dos inimigos (cena dinâmica)

Antífona central: Javé e a cidade de nosso Deus (v. 9)

Segunda tabela do duplo quadro (v. 10-14): Sião litúrgica

- A') Dentro dos muros da cidade (v. 10-12): o louvor coral aos atributos salvíficos de Deus (cena estática)
- B') Fora dos muros da cidade (v. 13-14): A procissão litúrgica em torno dos muros (cena dinâmica)

Antífona final: Javé, nosso Deus (v. 15)

12. Ravasi, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*. Vol. I. Bologna: Dehoniane, 1981, p. 856-857. – Jacquet, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme – Étude textuelle, littéraire et doctrinale*. Vol. II. Paris: Duculot, 1977, p. 92.

13. Ravasi, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*. Vol. I, Bologna: Dehoniane, 1981, p. 858.

4. Simbologia espacial, militar e teológica

Os eventuais modelos míticos, ainda presentes no Sl 46, aqui são demitizados e inseridos na dinâmica do ataque das nações contra Sião (v. 5), a exemplo do ataque de Gog às montanhas de Israel (Ez 38–39), e do contra-ataque do vento divino, que destrói as naus de Tárzis, isto é, as potências terrestres (v. 8).

A simbologia espacial é urbana e cósmica¹⁴. Jerusalém é vista como centro do mundo, como em Ezequiel: “Eu a estabeleci no centro das nações, com países ao redor dela” (Ez 5,5). Jerusalém é o umbigo do mundo, como diz Ezequiel: Gog atacará “um povo recolhido do meio das nações... que mora no umbigo da terra” (Ez 38,12). Jerusalém é a “cidade de Deus” voltada contra as forças do mal; é uma cidade elevada, situada no monte Sião (48,2-3.12-13), comparado ao monte Olimpo dos gregos. O centro de Sião é o Templo (v. 10).

A simbologia militar está também muito clara. Jerusalém é um refúgio, com suas torres, fortificações e palácios; é a capital rodeada por suas “filhas”, os vilarejos e cidades de Judá (v. 4.12.14), termos que, além de seu valor simbólico espacial, fazem parte do vocabulário militar. Além disso, Deus é chamado “Javé dos exércitos”. A proclamação final substitui o assédio inimigo do início (v. 5-8.13-15). O assédio termina numa desastrosa debandada (v. 8), como na noite do êxodo. Os reis que se coligaram (v. 5) lembram os reis que se levantam contra o rei messiânico do Sl 2.

Na primeira parte do salmo (v. 1-9) predominam as imagens da estabilidade, frisando o poder de Deus que se manifesta na defesa da cidade. Na segunda parte (v. 10-15) o potencial guerreiro de Javé se transforma em justiça e julgamento em favor dos oprimidos. As metáforas bélicas dos assédios e adversidades reais sofridas por Jerusalém são um sinal das vicissitudes contínuas da história da salvação. Bem e mal, fé e pecado, justiça e opressão se defrontam, mas cada poder adverso será bloqueado e ruirá diante da cidade santa fortificada e tornada invulnerável por Javé. “Os símbolos cósmicos e militares se revelam, portanto, por aquilo que realmente querem ser: uma expressão da ação salvífica de Deus na história”¹⁵.

5. Louvor a Javé na Sião fortificada (v. 2-8)

A exclamação inicial deixa bem claro que o destinatário do louvor é Deus, o verdadeiro centro de todo o poema (cf. v. 9 e 15), e não a colina de Sião ou a cidade de Jerusalém. Ao contrário, a origem do orgulho e do esplendor de Jerusalém e a tônica de todo o hino são a grandeza de Deus, a quem sobe o louvor de Sião. Jerusalém é a “cidade de nosso Deus” e Sião é “seu monte santo”.

Diante do salmista surge logo a beleza interna da cidade que é descrita na primeira cena (v. 3-4). A bela colina de Sião é qualificada como “a alegria de toda a terra”. Outros

14. Sobre a simbologia veja Ravasi, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*. Vol. I. Bologna: Dehoniane, 1981, p. 858-859.

15. Ravasi, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*. Vol. I, Bologna: Dehoniane, 1981, p. 860.

textos também expressam a alegria provocada por Jerusalém: Ezequiel avisa aos exilados que, assim como ele próprio perdeu sua esposa querida, eles vão perder Jerusalém, “o esplendor que os alegra, o encanto de seus olhos, a aspiração de suas vidas” (Ez 24,25). Quando Jerusalém foi destruída, os passantes se perguntam: “É esta a cidade que se chamava primor de beleza, a alegria de toda a terra?” (Lm 2,15). O salmista, no exílio, jurava que jamais esqueceria Jerusalém, “minha suprema alegria” (137,6).

Mas o monte Sião é também “o extremo Norte” (*yarktê Şafôn*). O termo *Şafôn*, além de indicar o norte, designa aqui a montanha mítica dos deuses, inacessível e inviolável, identificada com o monte Cássio, portanto ao norte, na Síria. Equivale ao Olimpo dos gregos. Schökel traduz como “vértice do céu” – o ponto mais alto do céu, diríamos nós. A este monte dos deuses aludem outros textos na Bíblia¹⁶. Entre os fenícios, Baal era chamado o Senhor do Norte, nome com que parece ter sido venerado até no Egito (Baal Sefon: Ex 14,2.9; Nm 33,7). Sem descartar a polêmica contra Baal Sefon, esse conceito de “vértice do céu”, ou “extremo Norte”, é assumido por Sião depois que para lá foi transportada a arca da aliança. Sião é o verdadeiro umbigo da terra (cf. Ez 5,5; 38,12), ponto de convergência, lugar de encontro entre o céu e a terra. Sião é um símbolo da presença divina no meio da humanidade. O único e verdadeiro santuário é Jerusalém, metrópole religiosa da humanidade inteira, para onde peregrinarão todas as nações (Is 2,1-4). Neste sentido Ez 48,35 dá à futura Jerusalém o nome de “Javé está lá”: ela é a Cidade-Emanuel, ou a cidade do “Deus conosco”.

Mas o segredo da beleza e da importância de Sião é quem nela mora: Ela é a cidade metrópole do grande Rei, ou a capital (*qiryat*), rodeada pelas “filhas de Judá”, os vilarejos e cidades vizinhas (v. 12). O título “grande Rei” era reivindicado para os reis assírios e persas e para as divindades fenícias. Javé é rei desde sempre e é vitorioso sobre a terra (Sl 10,16; 74,12). Há uma série de salmos que cantam Javé como rei, que exerce seu reinado, julgando os povos com justiça (Sl 47; 93–98).

Mais do que nas fortificações e nos palácios a segurança de Jerusalém, porém, repousa em Deus, que é um refúgio seguro e inexpugnável (48,4; 46,5-8). É o que se comprova na cena seguinte (48,5-8). Reis coligados marcham contra Jerusalém; mas, apenas a vêem, ficam aterrorizados e debandam em fuga. A derrota inesperada é comparada às dores de parto e aos temíveis ventos do Oriente, capazes de destroçar as “naves de Târsis”, isto é, os navios transmediterrâneos de então. O vento oriental, temido pelos marinheiros (Ez 27,26), foi responsável pela derrota dos egípcios durante a travessia do mar Vermelho, chamado também “vento de Javé” (Ex 15,10). Segundo Calvino, nestes versículos temos a antítese do “vim, vi e venci” de César Augusto. O ataque das nações aproxima-se da ficção escatológica, como a invasão e derrota de Gog em Ez 38–39 ou a derrota de Holofernes no livro de Judite.

16. Cf. Is 2,2; Ez 28,14-16; 40,2; Sl 76,5; 87,1.

6. A Sião litúrgica (v. 9-15)

A antífona central, no v. 9, introduz uma profissão de fé, marcada pela linguagem da catequese, que faz a memória das intervenções salvíficas de Javé em favor do seu povo. “Na Bíblia, a categoria fundamental do ato de fé é o memorial que atualiza novamente a ação salvífica passada, na esperança de uma realização plena”¹⁷. “Ouvir” e “ver” são os dois verbos da fé, que é a experiência vital da intervenção libertadora de Deus na história. Neste verso está sintetizada a história da salvação: “O que ouvimos dizer, nós o vimos” lembra o perigo do mal passado, já afastado; no presente, o peregrino experimenta a paz da cidade, lugar da presença divina, que ele contempla; o futuro traz uma certeza: “Deus a consolida para sempre”. Deus é o segredo da inviolabilidade de Sião.

A ação salvífica de Deus em Sião provoca duas reações opostas: Os inimigos, apenas viram a cidade, ficaram aterrorizados e fugiram (v. 6). O fiel peregrino, que *ouviu* falar desse evento salvífico, ao visitar a cidade e suas fortificações, *vê* e sente a presença de Deus que a consolida para sempre (v. 9).

Segue-se uma liturgia com duas cenas, uma dentro do Templo (v. 10-12), e outra em torno das muralhas de Sião (v. 13-15). O primeiro motivo desta celebração é a misericórdia de Javé. A misericórdia (*hesed*), sinônimo de “amor” ou “fidelidade”, é a atitude fundamental de Deus para com seu povo. O segundo motivo de louvor é o “nome” divino, daquele que é “o grande Rei”, “Javé dos Exércitos”. Moisés, em sua súplica em favor do povo pecador, identifica o nome divino com a sua *hesed*: “Javé, Javé! Deus compassivo e clemente, lento para a cólera, rico em amor (*hesed*) e fidelidade. Ele conserva seu amor (*hesed*) por mil gerações e perdoa culpas, rebeldias e pecados...” (Ex 34,6-7). É com a sua misericórdia/fidelidade que Javé age em seu santuário de Sião e se torna conhecido e celebrado até os confins da terra. O terceiro motivo de louvor são a justiça divina (*sedeq*) e os julgamentos (*mixpat*), que concretizam na história a misericórdia/fidelidade de Javé para com seu povo. A justiça é a contínua ação libertadora de Deus na história do povo, exemplificada no ataque frustrado dos reis contra Jerusalém (Sl 48,5-8); os julgamentos são as múltiplas intervenções punitivas pelas quais Javé derrota as forças hostis e liberta o seu povo (veja Sl 97). O convite para alegrar-se com os julgamentos divinos em favor de Sião é estendido às “filhas de Judá”, isto é, aos povoados e cidades da região. Por ocasião de uma invasão inimiga eram elas as primeiras a serem atingidas. Jeremias, por exemplo, convoca a população destas cidades a se refugiar em cidades fortificadas, como Sião (Jr 4,5-6). Podemos imaginar a alegria geral por ocasião de uma derrota inimiga às portas de Sião.

O salmo se conclui com uma cena ao redor das muralhas da cidade (v. 13-15). É um convite a participar de uma procissão litúrgica. Os verbos “rodear” e “contornar” (v. 13) são os mesmos usados pelo deuteronomista por ocasião da liturgia processional da arca de Javé em torno de Jericó, antes da conquista da cidade (Js 6,11!). Mas aqui a procissão serve para abraçar espiritual e materialmente a Sião. Ao verificar a solidez

17. Ravasi, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*. Vol. I, Bologna: Dehoniane, 1981, p. 864.

das torres e prestar atenção nas fortificações e palácios, o fiel é convidado ritualmente a perceber a presença de Deus. Mais do que muralhas e torres é Deus, o grande Rei, Javé dos Exércitos que constitui um refúgio seguro (v. 4) e dá solidez a todas as fortificações (v. 9). O orante que “ouve” e “vê” (dois termos catequéticos do v. 9) é convidado a transmitir essa experiência de fé (v. 14), anunciando-a à geração futura: “Este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre”. Poder-se-ia traduzir também: “Este Deus é nosso Deus para todo o sempre” ou “assim é Deus, o nosso Deus para todo o sempre”. É claro que Deus não se funde nem se confunde com Sião, sua morada, por mais bela e aparentemente segura que ela seja. Ele não está preso a um templo porque, como diz o salmista, “É ele que nos guia” (v. 15). Quem guia não pode estar preso a um determinado lugar. Ele é um Deus cheio de justiça, que julga os povos e age na história de seu povo. Ele continua sendo o mesmo pastor que conduziu o seu povo pelo deserto (Sl 78,52; Is 49,10; 63,14). Os cuidados de Deus para com Sião e o seu povo são os mesmos de um pastor que cuida de seu rebanho. Com a imagem do pastor que conduz seu rebanho, a segurança que a presença de Deus representa para Sião é agora transferida para a dimensão histórica de Israel.

7. Releitura cristã do Salmo 48

De modo global, o que o Sl 48 diz de Sião, uma releitura cristã o transpõe para a Igreja¹⁸. O tema da beleza é aplicado à Igreja “gloriosa, sem mancha, sem ruga, sem qualquer outro defeito” (Ef 5,27). Ela é a cidade inexpugnável do verdadeiro Deus: “Uma cidade fundada sobre alicerces, cujo arquiteto e construtor seria Deus” (Hb 11,10). A Igreja recebeu de Cristo a promessa de que “as portas do inferno nunca levarão vantagem sobre ela” (Mt 16,18). A Igreja, ou a Comunidade eclesial, é diferente de Sião, porque em vez de se elevar ao “vértice do céu” ela desce do céu: “Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, formosa como a esposa que se enfeitou para o esposo” (Ap 21,2). A nova Jerusalém terá muralhas e portas mas não terá nenhum templo: “Não vi nela nenhum templo, pois o seu templo é o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro” (Ap 21,22). Se no Sl 48 há um templo onde Deus “se manifesta como refúgio seguro”, na futura Jerusalém o próprio Deus será o Templo.

Bibliografia utilizada

BEAUCAMP, Evode. *Le Psautier – Sl 1–72*. Sources Bibliques. Paris: Gabalda, 1976.

JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme – Étude textuelle, littéraire et doctrinale*. Vol. II. Paris: Duculot, 1977.

KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos – Sl 1–59*. Vol. I. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.
— *Teología de los Salmos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996, p. 95-111.

18. Jacquet, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme – Étude textuelle, littéraire et doctrinale*. Vol. II. Paris: Duculot, 1977, p. 101-102. – Schökel, Luís Alonso & Carniti, Cecília. *Salmos I (Salmos 1–72) – Tradução, introdução e comentário*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 661-663.

- RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*. Vol. I. Bologna: Ed. Dehoniane, 1981.
- SABOURIN, Leopold. *The Psalms: Their Origin and Meaning*. Vol. I. New York: Society of S. Paul, 1969.
- SCHÖKEL, Luís Alonso & CARNITI, Cecília. *Salmos I (Salmos 1–72) – Tradução, introdução e comentário*. São Paulo: Paulus, 1996.
- STADELMANN, Luís I.J. *Os Salmos – Comentário e oração*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994 [Grande Comentário Bíblico].

Ludovico Garmus
Caixa Postal 90023
25689-900 Petrópolis, RJ